

Faroeste do Maranhão pede passagem na Mostra de SP

PÁGINA 4



Laila Garin estreia como autora em musical

PÁGINA 3



Uma safra inteira de gibis do Hellboy nas livrarias

PÁGINA 7



#cm

2

QUARTA-FEIRA



Ruy Castro durante a cerimônia do Prêmio Jabuti 2025

Folhapress

Ruy Castro

conquista o

Prêmio Jabuti

‘O Ouvidor do Brasil’, obra do jornalista sobre Tom Jobim, é o livro do ano

A 67ª edição do Prêmio Jabuti consolidou-se mais uma vez como o principal termômetro da produção literária e editorial brasileira. Na noite desta segunda-feira (27), o Theatro Municipal recebeu autores, editores e profissionais do livro para a cerimônia que distribuiu estatuetas e premiações em dinheiro aos destaques do ano. O grande vencedor da noite foi “O ouvidor do Brasil: 99 vezes Tom Jobim”, de Ruy Castro, publicado pela Companhia das Letras. A obra, que já havia conquistado a categoria Crônica, levou também o prêmio máximo de Livro do Ano, conferindo ao autor não apenas a estatueta do jabuti, mas também R\$ 70 mil e uma viagem à Feira do Livro de Londres, que em 2025 celebra o Ano da Cultura Brasil-Reino Unido. **Continua na página seguinte**

Premiação pela primeira vez no Rio

Colunista do Correio da Manhã, Ruy Castro é conhecido por suas biografias e perfis de personalidades da música brasileira. Nesta nova obra, ele revisita a trajetória de Tom Jobim através de textos que mesclam jornalismo, memória e análise cultural, confirmando a maestria do autor em capturar a essência de figuras fundamentais da cultura nacional.

Realizada no Rio pela primeira vez no Rio, a premiação deste ano homenageou a escritora e jornalista Ana Maria Machado com o título de Personalidade Literária. Vencedora do Jabuti em três ocasiões distintas – 1978 com “História Meio ao Contrário”, 1997 com “Esta Força Estranha” e 2000 com “Fiz Voar Meu Chapéu” –, Machado teve reconhecida sua contribuição decisiva para a promoção da literatura brasileira, especialmente no campo da literatura infantojuvenil, onde construiu uma obra de referência que atravessa gerações de leitores.

O processo de seleção envolveu mais de 60 jurados especializados, responsáveis pela curadoria e julgamento das obras inscritas nas 23 categorias que compõem o prêmio. Divididas em quatro eixos principais – Literatura, Não Ficção, Produção Editorial e Inovação –, as categorias contemplam desde os gêneros literários tradicionais até iniciativas de fomento à leitura e projetos gráficos, demonstrando a amplitude do olhar da premiação sobre o universo do livro. Cada vencedor de categoria recebe a estatueta do jabuti e R\$ 5 mil, reconhecimento que, embora modesto em termos financeiros, carrega enorme peso simbólico no mercado editorial brasileiro.

No eixo Literatura, destaca-

OS VENCEDORES DO PRÊMIO JABUTI 2025



Os premiados da edição 2025 do Prêmio Jabuti em foto oficial

LIVRO DO ANO

“O ouvitor do Brasil: 99 vezes Tom Jobim”, Ruy Castro | Editora Companhia das Letras

LITERATURA

CONTO - “Dores em salva”, Elimário Cardozo | Editora Patuá

CRÔNICA - “O ouvitor do Brasil: 99 vezes Tom Jobim”, Ruy Castro | Editora Companhia das Letras
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS - “Mais uma história para o velho Smith”, Orlandeli | Editora Gambatte

INFANTIL - “Estações”, Daniel Munduruku e Marilda Castanha | Editora Moderna

JUVENIL - “O Silêncio de Kazuki”, André Kondo | Editora Teluazu Edições

POESIA - “Respiro”, Armando Freitas Filho | Editora Companhia das Letras

ROMANCE DE ENTRETENIMENTO - “As fronteiras de Oline”, Rafael Zoehler | Editora Patuá

ROMANCE LITERÁRIO - “Vento em setembro”, Tony Bellotto | Editora Companhia das Letras

NÃO FICÇÃO

ARTES - “Thomaz Farkas, todo-mundo”, Juliano Gomes, Kiko Farkas, Rosely Nakagawa e Sergio Burgi (organizadores) | Editora Instituto Moreira Salles (IMS)

BIOGRAFIA E REPORTAGEM - “Longe do ninho”, Daniela Arbex | Editora Intrínseca

ECONOMIA CRIATIVA - “Ensaio sobre o cancelamento”, Pedro Tourinho | Editora Planeta do Brasil

EDUCAÇÃO - “Letramento racial: uma proposta de reconstrução da democracia brasileira”, Adilson José Moreira | Editora Contracorrente

NEGÓCIOS - “A essência de empreender: como foi construído o Grupo Boticário, um dos maiores ecossistemas de beleza do Brasil”, Miguel Krigsner | Editora Portfolio-Penguin

SAÚDE E BEM-ESTAR - “Felicidade ordinária”, Vera Iaconelli | Editora Zahar

PRODUÇÃO EDITORIAL
CAPA - “Acrobata” | Capista Kiko Farkas | Editora Companhia das

Letras

ILUSTRAÇÃO - “Bento vento tempo” | Ilustrador Nelson Cruz | Editora Companhia das Letras

PROJETO GRÁFICO - “Palavra” | Responsáveis Felipe Carnevalli, Paula Lobato, Vitor Cesar | Editora Instituto Tomie Ohtake

TRADUÇÃO - “Byron: poemas, cartas, diários & c.” | Tradutor André Vallias | Editora Perspectiva

INOVAÇÃO

ESCRITOR ESTREANTE - POESIA - “Maracujá interrompida”, Luis Osete | Editora Cepe

ESCRITOR ESTREANTE - ROMANCE - “Sangue Neon”, Marcelo Henrique Silva | Editora Faria e Silva

FOMENTO À LEITURA - AbraPalavra: onde a literatura se encontra com a vida cotidiana | Responsável Aline Cântia

LIVRO BRASILEIRO PUBLICADO NO EXTERIOR - “Braba”: antologia brasileira de quadrinhos” | Editoras Mino, Fanthagraphics Books

ram-se nomes consolidados e vozes emergentes. Na categoria Romance Literário, “Vento em setembro”, de Tony Bellotto, publicado pela Companhia das Letras, superou concorrentes de peso como “Bambino a Roma”, de Chico Buarque, e “De onde eles vêm”, de Jeferson Tenório. Já em Poesia, Armando Freitas Filho levou o prêmio com “Respiro”, também pela Companhia das Letras, reafirmando sua posição como um dos principais poetas brasileiros contemporâneos. A categoria Conto premiou “Dores em salva”, de Elimário Cardozo, publicado pela Patuá, enquanto Romance de Entretenimento reconheceu “As fronteiras de Oline”, de Rafael Zoehler, pela mesma editora.

A literatura voltada ao público infantil e juvenil também teve seu espaço de destaque. “Estações”, de Daniel Munduruku e Marilda Castanha, publicado pela Moderna, venceu na categoria Infantil, trazendo a perspectiva indígena para o universo das crianças. Já “O Silêncio de Kazuki”, de André Kondo, pela Teluazu Edições, conquistou a categoria Juvenil, abordando temáticas contemporâneas relevantes para adolescentes. Em Histórias em Quadrinhos, “Mais uma história para o velho Smith”, de Orlandeli, publicado pela Gambatte, demonstrou a força da produção nacional de graphic novels.

O eixo Não Ficção revelou trabalhos de fôlego em diferentes áreas do conhecimento. Na categoria Biografia e Reportagem, “Longe do ninho”, de Daniela Arbex, publicado pela Intrínseca, destacou-se por sua investigação jornalística aprofundada. Em Artes, “Thomaz Farkas, todo-mundo”, organizado por Juliano Gomes, Kiko Farkas, Rosely Nakagawa e Sergio Burgi, publicado pelo Instituto Moreira Salles, prestou homenagem ao fotógrafo e cineasta fundamental para a documentação da cultura brasileira. A categoria Educação premiou “Letramento racial: uma proposta de reconstrução da democracia brasileira”, de Adilson José Moreira, pela Contracorrente, obra que se insere nos debates urgentes sobre antirracismo e educação.

Divulgação

A promessa de uma vida sem dor seduz Leide Milene às vésperas de seu casamento. Interpretada por Laila Garin, a personagem vê no Miracle Former a chance de recomeçar: um procedimento revolucionário capaz de apagar memórias dolorosas e transformá-la em uma nova mulher, livre das angústias que carrega. A premissa, que poderia pertencer a um episódio de ficção científica distópica, é o ponto de partida da comédia musical que investiga questões urgentes sobre identidade, memória e os limites da busca pela felicidade a qualquer custo.

O espetáculo nasceu de uma provocação da poeta, psicanalista e filósofa Viviane Mosé, que também assina consultoria de conteúdo e colaboração de roteiro. A reflexão que deu origem ao trabalho questiona os mecanismos contemporâneos de anestesia emocional. “Na tentativa de não sofrer, terminamos optando por não sentir. Plastificamos nossa pele. Embalsamamos nossos afetos. Sentir muito e cada vez mais, aprender a lidar com os excessos, os desequilíbrios e as contradições é a condição para um ser mais amplo e para uma vida mais ética e sustentável”, afirma Mosé. Essa fala tornou-se a espinha dorsal de uma narrativa que, longe de adotar um tom grave ou professoral, opta pelo humor despujado para tratar de dilemas existenciais profundos.

Com direção de Gustavo Barchilon, o musical combina a estrutura dramática 18 canções conhecidas do público brasileiro, numa espécie de catálogo emocional da protagonista. O diretor, que já havia trabalhado com Laila Garin e Tauã Delmiro no musical “Alguma Coisa Podre”, foi quem sugeriu a parceria entre os dois para a criação deste novo trabalho. “Nossas lembranças influenciam nossas escolhas e determinam como nos relacionamos com o mundo. A memória nos conecta ao passado, permitindo que aprendamos com os erros, celebremos conquistas e criemos narrativas sobre nossa própria história”.

Para Laila Garin, que estreia como autora teatral ao lado de Tauã Delmiro, a questão da memória está diretamente ligada à identidade, mas também aos automatismos que carregamos desde a infância. “Somos nossas memórias, para o bem e para o mal. Acho que nossa identidade está diretamente ligada a elas. Lutamos para estarmos no presente e não termos reações automáticas, frutos de hábitos e aprendizados da primeira infância. Ao



Laila Garin estreia como autora neste musical que nasce a partir de uma provocação da filósofa Viviane Mosé

Memórias que nos definem

Comédia musical com Laila Garin explora dilemas sobre sofrimento, memória e a busca pela perfeição através de canções brasileiras

mesmo tempo, como diz Sotigui - griot que trabalhava com Peter Brook -, ‘para saber para onde ir a gente deve olhar para de onde viemos’”, explica a atriz.

Tauã Delmiro explica que o repertório foi pensado como um mosaico da diversidade musical do país, tornando-se um catálogo de emoções que reflete a herança poética das canções brasileiras. Baladas, boleros, sertanejo e bossa nova se alternam ao longo da narrativa, costurando a trajetória de Leide Milene. Laila também priorizou músicas que ama cantar e que

geram identificação imediata com o público.

Embora seja sua estreia como autora teatral, Laila já possui experiência na concepção de roteiros, tendo escrito os shows do trio “A Roda” e participado ativamente da criação de espetáculos como “A hora da estrela” e “Gota D’água a Seco”.

A direção musical é de Tony Lucchesi, com quem Laila já havia trabalhado em apresentações pontuais, mas nunca em um processo criativo de longa duração. “Pela primeira vez estamos tendo um tem-

po para criarmos juntos, experimentar-mos. E estou muito feliz em conhecê-lo mais de perto. Ele é muito sagaz, muito criativo”, elogia a atriz.

A trajetória de Leide Milene funciona como alegoria de uma geração que busca soluções rápidas para questões existenciais complexas, que prefere editar a própria história a enfrentá-la. O espetáculo não oferece respostas fáceis, mas propõe um exercício de reflexão sobre os limites entre bem e mal, dor e alegria, liberdade e controle social.

SERVIÇO

MÚSICAS QUE FIZ EM SEU NOME
Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38)
Até 9/11, de quinta a sábado (20h) e domingo (17h)
Ingressos a partir de R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Divulgação



Duelo ao sol... do Maranhão



‘Terra Devastada’, de Frederico Machado, exorciza fantasmas maranhenses seculares num diálogo com o faroeste

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Com sessão do thriller pernambucano “O Agente Secreto”, às 19h40, no Espaço Petrobras 1, e do imperdível terror de CEP catarinense “Virtuosas”, um pouco antes, às 18h, na sala 3 do mesmo espaço, a 49ª Mostra de São Paulo viverá uma quarta-feira de brasilidades à flor da tela – com direito a um exótico exercício maranhense pelas veredas do western. Com projeção às 20h05, no Instituto Moreira Salles da Av. Paulista, “Terra Devastada” é um “Django” metafísico, com Buda Lira em vez de Franco Nero. Sua trama se passa entre 1960 e 1970, no rastro de um pistoleiro, um andarilho silencioso, que retorna à sua cidade de origem em busca de vingança. Quando criança, ele viu seus pais serem mortos, no interior do Maranhão, por um dono de fazenda latifundiário. É hora do troco.

“O ‘Terra Devastada’ pode ser passado em qualquer lugar do Brasil, talvez até em qualquer lugar da América Latina”, explica o diretor, Frederico Machado. “É um filme até mesmo universal, mas tenho uma relação de amor e ódio com o meu estado. Não deixo de filmar no Maranhão por pertencer a essas terras. Não me vejo em outro local. Essa terra me segura e me alimenta. Em termos culturais, sociais, humanos, mas também me massacra. É quase uma relação masoquista. Mas o que me segura de fato em São Luís é o povo. Uma relação com o povo real que amo: os marginais, os alcoolistas do bairro da Praia Grande, os seres que vivem como fantasmas na mendigagem, os artistas malditos e errantes. A cultura popular, pobre e extremamente rica ao mesmo tempo, que sobrevive e que reverbera sua arte nas pessoas que assistem e que tentam conhecê-la”.

Filho de um casal de poetas, apelidado



‘Terra Devastada’, de Frederico Machado: um faroeste maranhense pede passagem ao IMS da Av. Paulista nesta quarta

nos festivais do Brasil de “o David Lynch da cidade de São Luís”, Frederico assaltou olhos, corações e mentes da cinefilia nacional com “Litania da Velha”, em 1997, e, desde então, a sua obra tem procurado redesenhar o Nordeste do Brasil através de uma estranheza que dialoga com a inquietação do realizador norte-americano por detrás de “Veludo Azul” (1986) — daí a

analogia. Desde então, não apenas realizou filmes aclamados como criou festivais, montou escolas de audiovisual, abriu salas de exibição e lançou um selo de DVDs — tudo sob a chancela Lume. Sua loja online (acessível via URL www.lumestore.art.br) levou ao mercado edições digitais com joias de artesões autorais como Yasujiro Ozu (1903–1963), Barbara Loden (1932–1980), Bigas Luna (1946–2013) e Elem Klimov (1933–2003). Lançava esses clássicos enquanto filmava narrativas muito autorais como “O Exercício do Caos” (2013) e “As Órbitas da Água” (sua obra-prima, de 2020). Com “Terra Devastada”, o realizador acerta contas com sua geografia de berço e com um dos gêneros de maior popularidade do cinema.

“A fantasmagoria de locais como a cidade de Alcântara e a própria São Luís do desterro estão em mim. A fabulação de locais como os lençóis maranhenses também. É um estado ainda não tocado pelo turismo e por forças externas. Não teve transformação nos seus quase 500 anos de história. Vive num marasmo, geograficamente e historicamente de não mudanças. Um limbo histórico, geográfico e social. E por isso, sinto que os mortos, o passado, estão mais presentes no meu estado. Portanto, não podia ser diferente no meu cinema”, explica o diretor, autor do obrigatório livro “Um Porto No Purgatório”.

Além de “Terra Devastada”, o faroeste se fez presente na Mostra com “Almas Mortas” (“Dead Souls”), do inglês Alex Cox, famoso pelos cults “Repo Man – A Onda Punk” (1984) e “Sid & Nancy” (1986). Ele dirige e estrela o banguê-banguê ambientado 1890 — ano do censo dos EUA —, quando o caos irrompe pelas pradarias americanas. Ele interpreta Strindler, um sujeito misterioso, que mais tarde vai ser reconhecido como reverendo. Numa pequena cidade do Arizona, esse homem negocia dinheiro em troca de nomes de trabalhadores mexicanos mortos, numa alusão à belicosidade do presidente Donald Trump com imigrantes. A trama, baseada na prosa de Nikolai Gogol (1809-1852), chegou ao Brasil com o passaporte carimbado pelo Almería Western Film Festival, realizado na Espanha.

Ecos de faroeste se fizeram notar ainda na animação baiana “Revoada – Versão Steampunk”, de Ducca Rios, na linhagem do nordestern. Esse virou um dos achados da Mostra de São Paulo, que termina nesta quinta-feira, com a projeção de “Jay Kelly”, com George Clooney e Adam Sandler, e com a cerimônia de premiação.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Bolívia em 'Cielo' de brigadeiro

Produção andina renova o diálogo da América Latina com o realismo mágico

Em meio à fartura de atrações hispano-americanas da 49ª Mostra de São Paulo, que reforça os laços do evento com nuestros hermanos, a Bolívia carimba seu visto de permanência em telas brasileiras com uma fábula capaz de retomar a tradição latina do realismo mágico e assegurar à maratona cinéfila da maior metrópole do país sua personagem mais fascinante.

A menina de oito aninhos Santa, vivida por Fernanda Gutiérrez Aranda em “Cielo”, é a estrela desta Mostra. Tem projeção do longa protagonizado por ela nesta quarta (29), às 20h30, no Multiplex Playarte Marabá 5, e na quinta, às 15h40, no Marabá 1. O diretor é catalão, Alberto Sciamma, e sua produção tem parceria com o Reino Unido, mas o altiplano boliviano explode no azul de sol a pino de tardes enquadradas pelo fotógrafo Alex Metcalf.

A passagem de “Cielo” pelo Brasil marca um momento de prestígio mundial do



Divulgação

A pequena Santa e seu tamborzinho repleto de mórbidos segredos

audiovisual da Bolívia, que escolheu “La Casa Del Sur”, de Carina Oroza e Ramiro Fierro, para representá-la ao olhos da Academia de Hollywood, no sonho de uma indicação ao Oscar. A fase de bonança daquela nação na telona começou com a conquista do Grand

Prix de Sundance, em Park City, nos EUA, concedido a “Utama”, de Alejandro Loayza Grisi, em 2022. Na mesma época, seu contrarâneo “El Gran Movimiento”, de Kiro Russo, ganhou menção honrosa no IndieLisboa. Meses depois, foi a vez do doído “El Visitan-

te”, um ensaio antifundamentalista de Martín Bouloq, receber elogios, holofotes e a láurea de Melhor Roteiro em Tribeca. “Los De Abajo”, do qual Sciamma tomou emprestado o (talentoso) ator Fernando Arze Echalar.

Ganhador de três láureas no festival português Fantasporto, “Cielo” faz a plateia delirar com as peripécias de Santa. Após um contratempo trágico, ela embarca em uma atribulada jornada para levar sua mãe ao Paraíso - literalmente. As duas fizeram um pacto: quando a mãe morresse, Santa seguiria as estrelas e conduziria seu corpo pelo deserto em direção ao céu, um lugar que elas acreditam ser tão real quanto qualquer outro. Não por acaso, o argumento de Sciamma gravita por uma linha tênue entre o possível e o improvável. Ao longo do seu caminho, a carregar um tambor com um conteúdo mórbido, a menina encontra um grupo de lutadoras profissionais de um MMA meio improvisado que a ajudam em sua trajetória, além de se deparar com um policial durão (papel de Arze Echalar) que começa a suspeitar do provável encantamento da guria, ao ser alvo dos poderes mágicos dela. Santa é capaz de curar feridas e de fazer uma vaca magra jorrar um oceano de leite.

Com sua fé a pequenina liberta o melhor que há em cada um e expõe o quanto o cinema boliviano vem ousando em suas dramaturgias. A Mostra termina nesta quinta.

AS BOAS DA PAULICEIA - QUARTA-FEIRA (29/10)

POR **RODRIGO FONSECA**

A INCRÍVEL MULHER DAS NEVES (“L’Incroyable Femme des Neiges”), de Sébastien Betbeder (França):

Blanche Gardin vive uma fase extraordinária em sua consagração como atriz na Europa. Nesta produção sufocante, ela vive a exploradora Coline, que acumula roubadas depois de embarcar em uma expedição ao Ártico por conta de um coração partida. Entre os perrengues que passa, inclua a saborosa experiência de dormir em um bloco de gelo e a luta com um urso.

Onde: Multiplex Playarte Marabá, 12h.

FOLHA SECA (“Dry Leaf”), de Alexandre Koberidze (Geórgia):

Ganhador do Prêmio da Crítica do Festival de Locarno, onde recebeu ainda uma menção honrosa do júri oficial, essa aventura metafísica parte do sumiço de uma fotógrafa. A última informação que se tem da moça é que ela estava fotografando estádios de futebol rurais em aldeias georgianas. Seu pai, Irakli, parte em busca da garota, viajando de um lugar para outro. O melhor amigo da jovem, que é considerado uma pessoa invisível (literalmente), também parte para ajudar, neste estudo sobre a atomização de subjetividades. **Onde:** Cinemateca, 14h.



A Incrível Mulher das Neves



Folha Seca

HOMEBOUND, de Neeraj Ghaywan (Índia): Unha e carne desde os bancos do liceu, Chandan Kumar (o ótimo Vishal Jethwa) e Mohammed Shoaib (Ishaan Khatter) são a bússola deste estudo sobre parcerias em ambientes de escassez financeira. A covalência da amizade é plena entre eles, numa lealdade inquebrantável. O companheirismo que os aproxima - e jamais chega a ser arranhado, nem com a pandemia da covid-19 - é o eixo afetivo que areja a frequência etnográfica da ficção de Neeraj, consagrado por “Masaan” (2015). A volta dele às telas lavra o arado do chamado “heroísmo do rendimento” - estrutura dramática herdada da literatura do século XIX, na qual a jornada passa por entreveros econômicos - com sementes de melodrama. A pobreza abate-os, mas não os separa. **Onde:** Cinemateca, 16h15.



Homebound

Por Affonso Nunes

Duas gerações da música brasileira se encontram no álbum “Com o Coração na Boca”, trabalho que coroa a parceria entre Cida Moreira e Rodrigo Vellozo após uma série de apresentações realizadas ao longo do último ano. Lançado em julho de 2025 nas plataformas digitais, o disco é fruto de um processo criativo que Rodrigo define como “leve, divertido, absolutamente catártico e intenso”.

O projeto nasceu da idealização de Murilo Alvesso, responsável pela direção artística, enquanto a direção musical ficou a cargo dos próprios intérpretes. O resultado é um mergulho visceral nas emoções humanas, onde teatro e música se entrelaçam em uma dramaturgia sonora que transforma cada faixa em um ato de entrega absoluta. Para Murilo, “a junção desses dois talentos é a realização de um sonho. O álbum já é um marco na carreira de ambos.”

Com oito faixas que equilibram duetos e solos, “Com o Coração na Boca” evoca a tradição do teatro musical brasileiro ao dialogar

Corações vibrantes em sintonia

Cida Moreira e Rodrigo Vellozo selam temporada de shows em conjunto com álbum visceral



Divulgação

Cida encontrou uma parceria à altura: vozes que vibram na mesma intensidade

com compositores populares, clássicos internacionais e composições inéditas. A atmosfera cabarettesca permeia o trabalho, conferindo profundidade emocional às inter-

pretações. A faixa-título, assinada por Romulo Fróes e Rodrigo Vellozo, abre o álbum traduzindo em música o pulsar de emoções à flor da pele.

O repertório atravessa diferentes territórios sonoros. “Meu Cavalinho Tá Pesado”, ícone do Teatro Oficina, divide espaço com “Cada lugar na sua coisa”, de Sérgio Sampaio, e

“Desejo de Amar”, de Gabú e Marinho, imortalizada por Eliana de Lima. “Ainda é Tempo Pra Ser Feliz”, de Arlindo Cruz, Sombra e Sombriinha, ressurge como samba-canção, enquanto “Prudência”, de Tim Bernardes, e “Babylon”, de Zeca Baleiro, ampliam o espectro estilístico. A versão de “Youkali”, de Kurt Weill, e “Do jeito que a vida quer”, de Benito Di Paula, completam um mosaico que celebra a diversidade da canção brasileira e internacional.

Cida Moreira, figura lendária que atravessou décadas interpretando de Chico Buarque a Amy Winehouse, encontra em Rodrigo Vellozo um parceiro que honra as raízes deixadas por seu pai, Benito di Paula, ao mesmo tempo que constrói identidade artística própria. “Este espetáculo é mais do que um concerto: é uma celebração da vida, da dor, do amor e da arte que nos move. Estar com Rodrigo, partilhar o palco e entrelaçar nossas vozes e pianos é um ato de comunhão artística”, afirma a cantora.

A dupla fará o show de lançamento do álbum no dia 7 de novembro, no Sesc Pompéia, em São Paulo.

CRÍTICA / DISCO / SANFONA CARIOCA

Por Aquiles Rique Reis*

A sanfona que tanto amamos

Hoje falaremos sobre a sanfona, instrumento que aqui brilha pelas mãos do sanfoneiro Kiko Horta. Respeitado entre seus pares pela excelência com que toca o instrumento, ele está lançando seu primeiro álbum solo, “Sanfona Carioca” (Selo Mestre Sala). Como está explícito no título, o CD sintetiza a trajetória da sanfona brasileira segundo a ótica instrumental carioca de Kiko, que, entretanto, valeu-se da universalidade de Luiz Gonzaga, Orlando Silveira, Dominginhos, Sivuca e Chiquinho do Acordeom. E agora vamos ao repertório.

“Deixa o Breque Pra Mim” (Altamiro Carrilho): a melodia flui com Marcus Suzano (pandeiro), Luís Filipe de Lima (violão sete cordas), Luiz Barcelos (ban-

dolim) e Ivan Machado (contrabaixo elétrico). A sanfona de Kiko improvisa, o bandolim sola e tudo fica muito a gosto.

“Catita” (K- Ximbinho): sete cordas e bandolim iniciam e logo entregam a melodia pra sanfona. Pandeiro e baixo elétrico seguram as pontas. A sanfona improvisa.

“Chorinho de Gafieira” (Astor Silva): vixe, que o papo é sério! A pegada do arranjo é contagiante. O bandolim improvisa e a sanfona logo divide o proscênio com ele, até voltar num improviso pleno de eficiência.

“Recomeço” (Kiko Horta): o violão de sete cordas toca a intro do belo tema de Kiko, cuja sanfona se encarrega de o levar à frente. O sete



Divulgação

volta a brilhar. O ritmo rola afetuosamente pela suavidade do pandeiro.

“Comigo é Assim” (José Menezes e Luiz Bittencourt): a sanfona abre e o pandeiro vem com ela. Suingue na veia! O diálogo do duo instrumental soa perfeito.

“Chorinho Para Miudinho” (Dominginhos): Dominginhos

está presente com um choro esperto. Sanfona e bandolim dão conta do recado. Os improvisos vêm perfeitos. “Dino Pintando o 7 Cordas” (Sivuca): e chega a hora da homenagem ao grande Dino Sete Cordas. E o sete fulgura pelas mãos de Luís Filipe, enquanto a sanfona resfolega, bonita que só, e o bandolim toca e também arrasa.

“Forró Transcendental” (Kiko Horta): balanço total, de fazer o mocinho tímido pular da cadeira e se achegar pra chamegar com a bela dama. O improviso do bandolim adere ao som da sanfona e criam um lindo momento harmônico.

“Meu Lugar” (Arlindo Cruz e Mauro Diniz): o samba em tom menor vem com a sanfona dando

intensidade a ele. O sete surge e chama a atenção para seus baixos encadeados. O balanço é pleno de vigor e charme. A sanfona conduz ao final.

“Um Tom Pra Jobim” (Sivuca e Oswaldinho): o forró é quente! O ritmo segura a parada com firmeza. Cabe à sanfona e ao bandolim abrilhantarem o som que rola pelas mãos dos instrumentistas que realizaram um belo trabalho. Com o tributo de Sivuca e Oswaldinho a Tom Jobim, o álbum Sanfona Carioca fecha a tampa. Ouça o álbum em <https://11nk.dev/V0FZR>

Ficha técnica

Produção musical: Luís Filipe de Lima e Kiko Horta, produtor associado: Celso Filho, mixagem, masterização e gravações adicionais: Tuta Macedo.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Logo que se digita <https://www.lo-jamythos.com.br/> atrás de novidades de uma das maiores editoras de HQs do país, um reclame com Hellboy toma a tela: “Toda a linha do vermelho com 30% de desconto em outubro”, diz o anúncio. Logo que o cursor avança pelo buscador do site da Mythos, depara-se com “Contos Bizarros” à venda. Ele é apenas um dos destaques de uma linhagem de narrativas nas raías do terror, que assumiu uma cria do Inferno, de coração puro, como super-herói. Seu sucesso, já transportado para o cinema, catapultou Mike Mignola, seu criador, para o Panteão mundial dos quadrinistas. Sua fama se amplia com a chegada ao país de uma nova linha de historietas de seu diabo quando menino.

Esse material, editado aqui com o título “As Aventuras do Jovem Hellboy”, pode formar uma nova linhagem leitura e, de quebra, expandir o séquito de adoradoras de Mignola.

“Fiz uma contagem recente e acredito que já passamos dos 50 títulos de Hellboy no total, mas, se falarmos especificamente dos Omnibus — aquelas edições de luxo, compiladas em ordem cronológica —, estamos chegando à marca de 25 ou 26 volumes desse formato. É a forma ideal para o leitor acompanhar toda a jornada do Mignolaverso do começo ao fim”, explica o livreiro Higor Lopes, zelador de um portal para a felicidade de todo e qualquer nerd chamado Mundo Mythos, uma loja recheada com o material da editora paulista.

Quem entra lá se perde entre revistas mensais do caubói Tex e do detetive do Além Dylan Dog e entre almanaques de origem inglesa do Juiz Dredd. O espaço de Hellboy naquele empório cresce mês a mês, assim como o entusiasmo de Higor, que é uma enciclo-



Divulgação

Hellboy assegura seu lugar nas bancas e livrarias para as compras de Natal

Balõezinhos para o diabo de bom coração

Editora Mythos renova a força de Hellboy no mercado de quadrinhos e amplia o culto a seu criador, Mike Mignola, com antologias e almanaque de tramas do herói

pédia quadrinhófila viva, com boas promessas para o fim de ano. “Vamos trazer reimpressões muito pedidas. Hellboy Vol. 1 estava esgotado há dois anos, e os volumes 2 e 4 esgotaram este ano. Então, neste Natal, teremos a coleção principal completa novamente disponível, o que é perfeito para quem quer começar ou continuar a saga. Neste momento, estamos lançando os quatro primeiros volumes da série principal “Hellboy”: o 1, 2, 3 e 4. Já estamos nos preparando para o mês



que vem relançar “Histórias Curtas 1”, que estava esgotado, e ainda temos “Histórias Curtas 2” em estoque. Essas histórias menores foram usadas pelo Mike Mignola para desenvolver o conceito do personagem. Além disso, também vamos lançar “B.P.R.D.: Praga dos Sapos” (a sigla quer dizer Bureau de Pesquisa e Defesa Paranormal), marcando o momento em que Hellboy deixa essa agência e a equipe precisa seguir sua tripla pessoal sozinho”, explica Higor.

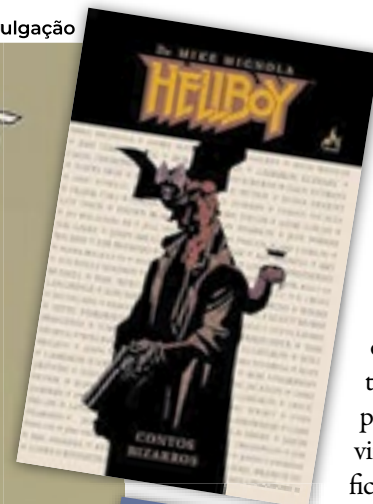
Definido por alguns como “mistura de expressionismo alemão com Jack Kirby” (em referência ao quadrinista de traços quadrangulares famoso por sua parceria com Stan Lee) e por outros como um “cubista pós-moderno”, Mignola virou um dos artistas gráficos de maior prestígio na indústria de HQs — em âmbito global — sendo estudado também no ambiente acadêmico. Sua forma de contorcer a anatomia humana e a animal (ou mesmo a de monstros) quebra com as convenções helênicas do desenho, estabelecidas como marca de excelência nos quadrinhos

por Alex Raymond (“Flash Gordon”) e Hal Foster (“Príncipe Valente”). Seu jeito de desenhar estilizou-se e virou grife a partir do êxito de “Gotham 1889”, graphic novel lançada em 1989, na qual o Batman enfrenta Jack o Estripador no século XIX.

Anteriormente a essa fase de bonança, o que lhe sobrava era a função de ilustrar capas na Marvel (na revistinha da Tropa Alfa) e na própria DC, onde cuidava do Vingador Fantasma. Foi nas páginas desse personagem, um ocultista, que Mignola se aproximou do universo no qual construiu sua fama: o horror.

A tentação de poder criar um mundo capaz de aproximar as narrativas heroicas de premissas demoníacas e fantasmagóricas levou o ilustrador e roteirista a lançar, em 1993, a figura de Hellboy, cria do Inferno dedicada a proteger os seres humanos da entropia, graças à empatia que nutre pelas diferenças (de raça, de credo, de gênero). Alegoria mais política do que essa, no turbilhão cultural da década de 1990, não poderia acontecer.

“O diferencial de Mignola é o afinho e o carinho que ele tem com o próprio universo”, explica Higor. “Ele faz uma pesquisa profunda e constrói personagens com personalidades muito bem definidas. Você ama ou odeia suas criações, mas não consegue ignorá-las. Além disso, ele é mestre em trabalhar com cronologias e amarrar todas as pontas soltas. Tudo se conecta de forma orgânica”, completa o livreiro.



CORREIO DA MANHÃ. AQUI CABE UM BRASIL DE INFORMAÇÃO.



Em sua Edição Nacional,
o Correio da Manhã
traz um conteúdo com
notícias em primeira mão sobre
os assuntos mais importantes do
cenário nacional e do mundo.

Acesse nosso app e receba
nas primeiras horas o que os
outros só saberão depois.

Correio da Manhã

EDIÇÃO NACIONAL

Há 124 anos Direto e Direito

Rio de Janeiro - Brasília - São Paulo